

# Encurralado! (1)

Francisco de Almeida

O piloto de planador é um predador da meteorologia. Move-lhe uma impiedosa perseguição, quer a emboscar os dias *atômicos*, quer a assaltar com intenção de rapina todos os movimentos da atmosfera. Mas acontece por vezes a meteorologia voltar-se contra o seu atacante: caçado, o caçador foge!

Foi em 2001 que pela primeira vez tive que fugir para não ser apanhado. Não me recordo da data precisa; estou seguro de que o solstício de verão já passara, estar-se-ia às portas do Outono. O tempo era pré-frontal, a frente estava estacionária a certa distância de Évora; o vento mantinha-se moderado; numa palavra, um dia auspicioso.

Por razões que me escapam, não trazia o meu *logger* habitual e muito gratamente aceitei um de empréstimo. O respectivo dono nunca chegou a descarregar e dar-me o registo do voo, pelo que os detalhes deste dia se perderam para sempre.

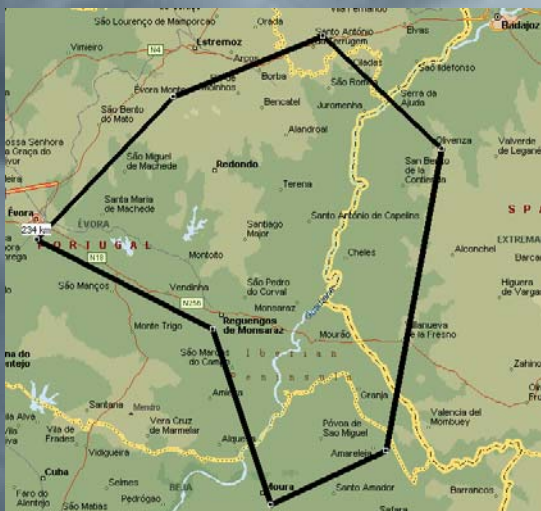
Descolei de Évora no LAK-12. Não havia ainda decorrido uma hora completa, a meio caminho entre Estremoz e Elvas, sobreveio uma estranha quietude. A atmosfera tornou-se de seda. Incompreensivelmente, só ao cabo de uma boa dezena de minutos dei com a causa: a frente de sedentária passara a móvel e a guarda avançada de cirrus tapara por completo o sol!

Longe de qualquer pista e já baixo, voltei imediatamente oitenta graus à direita e pus-me em fuga, numa tentativa de fugir à influência dos cirrus. O avanço da sombra era muito rápido, quer pela velocidade da própria frente, quer pelo percurso do sol que, já sendo o meio da tarde, se inclinava cada vez mais para o poente. Quando finalmente logrei sair da sombra, tinha cruzado a fronteira espanhola e estava perto de Olivença.

A frente tornara-se muito activa. Todo o horizonte num arco de SSW a NNE era uma só muralha monolítica, encimada pela mortalha de cirrus, com precipitação na direcção de Reguengos e de Évora. O retorno ao aeródromo de partida estava vedado.

As térmicas estavam muito pobres ao longo do Guadiana e uma aterragem fora era mais que certa. O meu telemóvel não tinha cobertura de rede em Espanha, o terreno era pouco atraente, e a escassez de pontes sobre o Guadiana obrigaria a distâncias e complicações no resgate. Decidi portanto tentar alcançar a todo o custo uma pista ou terreno em Portugal. Meti rumo sul e segui ao longo da sombra ameaçadora da frente.

Para minha alegria, algumas térmicas fracas puseram-me ao alcance da Amareleja, um antigo aeródromo próximo da fronteira com Valencia del Mombuy. Já perto da Amareleja, outra térmica deu-me a altura justa para alcançar Beja Civil, mais atraente por ter pista (meio) alcatroada, bons acessos e população próxima: útil no caso de ser apanhado pela frente de trovoadas após a aterragem.



A meio caminho de Beja, o inesperado: a frente começa a perder solidez e de um momento para o outro revela-se um rasgo, uma brecha na muralha, sensivelmente na direcção norte. Os raios do sol que penetram nessa fenda dão já origem a pequenos cúmulos no ar supersaturado. Esperançado, penetro nessa fenda e contacto o primeiro cumulito à vertical da Aldeia do Alqueva, no sítio onde hoje se ergue o paredão da barragem de mesmo nome.

Já não há dúvidas: está aberto o caminho até a pista de Reguengos, mais próxima de casa. Deslizo numa atmosfera estranhamente luminosa e calma, por entre ciclópicas colunas de nuvens negras e estratos leitosos a diversas altitudes. As massas nimbadadas dissolvem-se à minha frente, e ao atingir Reguengos também aí encontro pequenos cúmulos acinzentados, que me permitem por fim regressar a Évora.